



## O Símbolo: aproximações e distanciamento entre a psicanálise e a hermenêutica fenomenológica

Danilo Silva Santos<sup>1</sup>

Marcelo Puzio<sup>2</sup>

IESSA, Instituição de Ensino Superior Sant' Ana

**Resumo:** *A psicanálise sofreu, no final dos 1950, severas críticas. Questionada sobre sua cientificidade a psicanálise passou a ser censurada por positivistas, argumentavam que a psicanálise se baseava em enunciados não correspondentes com a verificação empírica e que, desse modo, ela nada seria, senão uma pseudociência. A partir dessa discussão, este estudo pretende demonstrar duas posições teóricas, que surgiram como resposta a esse debate, mediante a exposição da leitura hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur, que representa a primeira posição e a oposição a esta, representada pelo psicanalista Jacques Lacan. Para tanto revisam-se os estudos já concluídos por Brenner (1987), Lustoza; Freire (2006) e Ricoeur (2010); (2013).*

**Palavras-Chave:** Psicanálise. Hermenêutica. Ciência. Sentido.

### Introdução

A pesquisa opera sob o problema da cientificidade da psicanálise, ou seja, se debruça sobre o debate que discute se a psicanálise é uma ciência natural que investiga proposições testáveis, uma ciência nos moldes das ciências positivas, se ela se apoia em enunciados que se pode submeter a verificação empírica.

Nesse sentido buscou-se, na tentativa de reflexão a partir do problema, expor as contribuições da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, que representa uma posição da qual pretende pensar e apresentar alguns conceitos sobre as postulações da psicanálise e, por outro lado, expor a contraposição, representada sob o pensamento do psicanalista Jacques Lacan, que também pretende, em certo sentido, apresentar uma resposta para o problema da cientificidade na teoria psicanalítica.

Deste modo ressaltar-se-á as aproximações e distanciamento entre as duas posições, de um lado a leitura da psicanálise como ciência interpretativa do sentido, do outra a consideração da psicanálise como estudo das pulsões que estão por trás das pretensões de verdade da consciência (LUSTOZA; FREIRE, 2006).

Por fim demonstra-se que a questão está, ainda, na impossibilidade de definição, pois não há evidências satisfatórias que permita dizer que a psicanálise é uma ciência tal qual as ciências naturais.

---

<sup>1</sup> Graduando licenciatura em Filosofia, Instituição de Ensino Superior Sant' Ana – IESSA, [daniломnsantos@hotmail.com](mailto:daniломnsantos@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor Mestre, Graduado em Filosofia, Instituição de Ensino Superior Sant' Ana – IESSA, Graduado em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, [marcelopuzio@gmail.com](mailto:marcelopuzio@gmail.com).

## Objetivos

Demonstrar, de forma breve, a discussão sobre a postura epistemológica da psicanálise e o desdobramento dessa discussão em duas posições que surgiram a partir do problema da cientificidade da teoria psicanalítica, expor os principais pontos das posições, as suas aproximações e os seus distanciamentos, analisar tais pontos de forma reflexiva.

## Metodologia

A metodologia a ser utilizada, baseia-se em revisão de literatura, pesquisa de caráter bibliográfica em que foram levantados textos referente ao assunto, seguindo-se as etapas de: 1º identificação: etapa de reconhecimento bibliográfico dos textos que existem a respeito do tema; 2º localização: localização das obras específicas; 3º compilação: reunião dos materiais e 4º fichamento: transcrição dos dados fundamentais para a pesquisa em fichas (MEDEIROS, 2009, p. 36).

## Resultados/Resultados parciais e discussão

A discussão se dá em torno do debate sobre a postura epistemológica da psicanálise, que questiona a sua validade científica, essa contestação surge a partir da denúncia de que a psicanálise não se apoia em enunciados verificáveis empiricamente e, portanto, não poderia se enquadrar numa perspectiva científica, tal debate se intensifica na década de 1950, em que a psicanálise é censurada por lógicos, epistemólogos e filósofos (LUSTOZA; FREIRE, 2006). Desse debate surgirá duas posições teóricas que, em certo sentido, tentam resolver o entrave científico em que a psicanálise se deparou nesse período.

A primeira posição é do filósofo hermeneuta francês Paul Ricoeur. Para Ricoeur (2010) a psicanálise não pode ser considerada uma ciência empírica, por que os seus objetos é outro e bem diferente daqueles exigidos pelo empirismo lógico. As ciências naturais operam por verificação e falsificação dos fenômenos, em quanto que a teoria psicanalítica opera com a relação analítica, que Ricoeur denomina de *experiência analítica*.

Essa experiência analítica é análoga aos observáveis das ciências empíricas, ela surge da situação analítica, que passa pelo crivo do discurso, o que pode ser analisado é aquilo que emerge ao nível da linguagem, ou seja, o dito, esse constitui o objeto da psicanálise e “não o instinto enquanto fenômeno fisiológico, nem mesmo o desejo enquanto energia, mas o desejo enquanto significação capaz de ser decifrada, traduzida e interpretada” (RICOEUR, 2010, p. 19), a dimensão semântica do desejo é o primeiro critério na busca por um objeto na psicanálise.

Tal dimensão semântica restringe a relação analítica a ordem discursiva, da verbalização, e “é essa restrição seletiva que obriga a situar os fatos da psicanálise numa esfera de motivação e de significação” (RICOEUR, 2010, p. 20), essa posição se opõe a postura psicanalítica econômica, que tem como objetivo estudar a energia psíquica por meios quantitativos, nesse sentido os fenômenos mentais passam a ser estudados segundo forças instintivas fisiológicas.

Ele [Freud] fez a mais ambiciosa tentativa de formular uma psicologia neurológica nos primórdios de 1890 (Freud, 1954). Foi obrigado a abandonar a tentativa porque os fatos não permitiam uma correlação satisfatória entre as duas disciplinas, mas Freud certamente compartilhou da convicção [...] de que algum dia os fenômenos mentais poderão ser descritos em termos de

funcionamento cerebral. Por enquanto isso não parece possível de se realizar satisfatoriamente, embora se tenham efetuado algumas tentativas interessantes nesse sentido. Ninguém pode dizer quando tais tentativas serão coroadas de êxito, e nesse meio tempo os vínculos formais ou teóricos entre a psicanálise e os outros ramos da biologia são poucos (BRENNER, 1987, p. 31).

Essa impossibilidade conduz Ricoeur a conceber a teoria psicanalítica como ciência interpretativa, assim, para o filósofo, a psicanálise não estuda fatos observáveis empiricamente, mas a significação dos fatos. Nesse sentido a teoria psicanalítica se aproxima da hermenêutica, pois ambas operam com o desvelamento que está oculto do sentido, tal operação se realiza na abordagem do símbolo. Para Ricoeur (2013) o símbolo estrutura-se por um momento semântico e carrega no seu interior o duplo sentido o literal e o figurativo, um sentido primário que conduz ao secundário, o trabalho interpretativo se debruça nessa perspectiva simbólica. Desse modo Ricoeur (2013, p. 77) considera que “a psicanálise, por exemplo, ocupa-se de sonhos, de outros sintomas e objetos culturais a eles afins como simbólicos de conflitos psíquicos profundos”.

A segunda posição é a do psicanalista Jaques Lacan, que num primeiro momento dos seus estudos compartilha da primeira posição, mas se afasta gradualmente dessa leitura psicanalítica.

Ele [Lacan] terminou por se afastar dessa posição, por considerá-la inadequada para dar conta da clínica. Aliando-se posteriormente a outras referências, tais como o estruturalismo, a topologia e a teoria dos conjuntos, Lacan formulará conceitos que lhe permitirão ganhar um distanciamento crítico ainda maior em relação a esse tipo de leitura da psicanálise (LUSTOZA; FREIRE, 2006, p. 13).

Para Lacan o trabalho analítico não pode ser determinado por um significado, pois no processo de análise o significante recebe múltiplas significações impossibilitando uma determinação fechada. Na identificação das múltiplas significações a uma aproximação da leitura hermenêutica e a leitura psicanalítica de Lacan, entretanto este ressalta que a hermenêutica foi incapaz de reconhecer a fragmentação da consciência, ou seja o esfacelamento do cogito.

Embora a hermenêutica possa admitir a existência de infinitas significações para uma determinada produção do inconsciente, o que ela não está em condições de aceder é ao significante como lugar de uma lacuna, isto é, da impossibilidade de construir um conjunto consistente de significações (LUSTOZA; FREIRE, 2006, p. 28).

É verdade que a leitura hermenêutica não pretende o esfacelamento do cogito, mas na confrontação do múltiplo o seu enriquecimento, pois, nesse sentido, qual seria o propósito da análise se há uma impossibilidade de síntese no processo de significação? O sujeito analisado vagaria perdido nas múltiplas manifestações de significado.

Contudo, é nesse ponto que surge o afastamento da hermenêutica com a psicanálise, porque na proposta psicanalítica o significante comporta tanto a infinitização das significações, em que o significante pode ter diversos significados; tanto a contraditoriedade, que não é somente diversos os significados, mas também podem ser contraditórios entre si.

Portanto, concepções de linguagem que estabelecessem para o significante um significado ou uma coisa capaz de lhe dar sustentação (como limite exterior) mostrar-se-iam incompatíveis com a psicanálise, já que incapazes de explicar como

seriam possíveis a infinitização das significações quanto a contradição entre as mesmas (op. cit.).

### **Considerações finais**

Lacan termina por se aproxima de uma postura naturalista, apesar de rejeita-la, se aproxima sob o ponto de causalidade natural (LUSTOZA; FREIRE, 2006), entretanto essa aproximação revela-se um tanto complicada, pois esbarra novamente no impasse da possibilidade da prova empírica.

O debate sobre a postura epistemológica da psicanálise continua no campo da impossibilidade, para contribuir poder-se-ia levantar um outro debate que pertence as disciplinas de Filosofia da Mente e Neurofisiologia, que discutem o monismo e dualismo, nesse debate disputam se mente e cérebro são uma e mesma coisa ou se são distintas, mas mesmo nesses campos de discussão não houve, ainda, possibilidade de decidir, o que, em certo sentido traria alguns esclarecimentos para as discussões feitas em torno da psicanálise.

Entretanto, há autores que acreditam ser possível corrigir as dificuldades que surgiram na teoria psicanalítica, com os avanços científicos, sobretudo os da neurociência, acreditam que com as descobertas nesse campo será possível extrair provas seguras e concretas da postura científica da psicanálise (LUSTOZA; FREIRE, 2006).

Contudo, essas provas ainda não foram apresentadas, ao menos de modo satisfatórias, o que conduz a psicanálise ficar no campo da interpretação do sentido, como posição mais coerente e correspondente com o seu campo investigativo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENNER, Charles. Os Impulsos. In:\_\_\_\_\_. **Noções Básicas de Psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 31-45.

LUSTOZA, Rosane Zétola; FREIRE, Ana Beatriz. Para uma crítica da leitura hermenêutica da psicanálise. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 8, n. 1, p. 9-33, jun. 2006 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302006000100001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000100001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 set. 2019.

MEDEIROS, João Bosco. Pesquisa Científica. In:\_\_\_\_\_. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed. São Paul: Atlas, 2009. p. 29-41.

RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências 1: em torno da psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2010. 257 p.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2013. 134 p.